

Novela do medo

340



Balada da Praia dos Cães. José Cardoso Pires/Ed. Civilização Brasileira, RJ, 1983, 256 pg.

É a partir de um fato real, ocorrido em 1960, que Cardoso Pires concluiu em setembro do ano passado esta **dissertação sobre um crime** — sua última obra de ficção, sete edições esgotadas em oito meses em Portugal, grande prêmio da **Associação Portuguesa de Escritores**, versão 82.

Ao fato real, de que o autor tomou conhecimento à época, acrescentaram-se as luzes que a conjuntura portuguesa pós-1974 possibilitou, especialmente a publicidade de arquivos da PIDE, a polícia política de Salazar e, em seguida, o contato com um protagonista da tragédia.

Porque, na vida, tratou-se mesmo de uma tragédia: evadindo-se da prisão em Elvas, graças ao auxílio da amante (no romance, Mena), um militar insurreto (Dantas C.) junta-se a um jovem arquiteto (Fontenova) e a um cabo, que corrompe para a fuga (Barroca). O projeto insurrecional se frustra, entre delírios e irrealidades. Enclausurados num refúgio, os quatro personagens perdem o contato com o mundo e tudo se, desfecha no assassinato de Dantas C.

É sobre este evento que Cardoso Pires constrói uma das mais bem conseguidas obras novelísticas da literatura portuguesa contemporânea. O fato não lhe fornece mais que os elementos nucleares para uma arquitetura ficcional e estilística que o confirma no posto de vanguarda que, desde *O Delfim*, ele ocupa entre os criadores literários lusitanos. A partir dos dados crus que um incidente da vida lhe ofereceu, Cardoso Pires fabulou uma novela que, transcendendo-os e iluminando-os, enriqueceu-os ao inseri-los na trama inclusiva do movimento da sociedade portuguesa quando se abrem as fraturas do ultra-colonialismo.

Centraliza a narração o policial Covas (Elias Santana, da Polícia Judiciária): é o profissional da investigação de homicídios que vai somando as peças e os indícios, sondando, inquirindo. À sombra da PIDE, a Judiciária pode menosprezar os componentes políticos: contenta-se com a delimitação do crime comum. O itinerário de Covas, refazendo os passos dos protagonistas, é o eixo aparente que conduz à elucidação do drama.

Pouco a pouco, porém, vem à tona o enlace entre a lógica capturada pelo policial e a degradada humanidade que é o substrato de tudo. O estranho fascínio que Mena lhe causa, a enigmática ambiguidade que estabelece com ela entretecem a tênue grade por que transitam as conexões entre a loucura de Dantas C. e os quadros sociais do salazarismo — a corrupção, a suspeita, o medo.

Cardoso Pires realiza magistralmente aquilo que constitui a excelência da novela: um fato singular e excepcional é o ponto de arranque para uma configuração estética que apanha um traço privilegiado de uma situação humana concreta. É o desenvolvimento mesmo dos personagens na situação que revela este traço: no caso, o medo, esta "forma dramática de solidão". A grandeza do criador, entretanto, consiste em mostrá-lo como fruto de um processo, de um movimento preciso: o medo, não um sentimento abstrato e imediato, mas a resultante do isolamento, fio frágil que conduz uma intencional individualista. Novela da desconfiança e do temor, **Balada da Praia dos Cães** é também a refiguração — artística, exclusivamente estética — do aviltamento da relação social dos indivíduos quando os projetos políticos resumem tudo, resumindo-se à prática das conspirações à margem do povo.

É supérfluo salientar, a esta altura, que Cardoso Pires chegou ao perfeito resultado que o novelista pode ambicionar na escala exata em que adequou ao seu material a mais conforme modalidade estilística. Seu texto literário é fulgurante: o torneio sintático, a contundência lexical, a plasticidade da expressão viabilizam a tensão que articula, na síntese da catarse, explicitada em anti-clímax, a generosidade, a violência e a vileza — fontes de que se nutre esta lindíssima **Balada da Praia dos Cães**.

José Paulo Netto

15